

ETNOGRAFIA VIRTUAL E GÊNERO: MASCULINIDADE, CULTURA E PODER NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA

VIRTUAL ETHNOGRAPHY AND GENDER: MANLINESS, CULTURE AND POWER IN THE BRAZILIAN CONTEMPORANEITY

Flávia Valéria Cassimiro Braga Melo ¹

Resumo: O texto apresenta elementos de um estudo de campo sobre as masculinidades nas mídias digitais. Foram feitas notas de observação com o intuito de interpretar a opressão de gênero e as táticas de subversão contra a ordem masculina, indo na direção da antropologia contemporânea, dando visibilidade ao mundo *online*. Através da antropologia do *ciberespaço*, as narrativas de masculinidades serão interpretadas como ressonâncias de cultura e poder.

Palavras-chave: Cultura; Etnografia Virtual; Masculinidades; Poder.

Abstract: The article pretends to present elements of a field research about manliness in digital media. Notes were taken in order to interpret gender oppression and subversion against manliness, moving ahead of contemporary anthropology, giving visibility to the online world. Through the anthropology of cyberspace, narratives of masculinities will be interpreted as resonances of culture and power.

Keywords: Culture; Manliness; Power; Virtual Ethnography.

INTRODUÇÃO

Entre 2016 e 2017 realizei pesquisa de campo buscando compreender a opressão de gênero no ciberespaço, exercícios de poder que pareciam que não fugir do vasto repertório de debates do campo do gênero. Apresento aqui alguns resultados da pesquisa, tendo como ponto de análise algumas narrativas que observei nos ambientes virtuais, visando a compreensão desse sujeito humano *off* e *online* como um só sujeito em suas manifestações culturais envolvendo sexualidade, gênero e poder. Meu intuito etnográfico é compreender as ‘masculinidades’ (parto da premissa de que há muitas concepções de masculinidades) nos espaços *online*, em que a principal questão a ser investigada seria perceber nuances de cultura e poder nas mídias digitais.

Para dar início à discussão, o texto abordará sobre a emergência da antropologia digital. O ciberespaço será concebido como um lugar plausível e necessário para a

¹ Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás, Brasil.

compreensão do humano e do digital. A internet será tratada como um artefato cultural, como diz Christine Hine (2004), um produto da cultura.

Em segundo momento, proponho apresentar minhas notas de observação ao me aventurar em interpretações acerca das masculinidades *online*, tomando como referência dois casos que analisei na pesquisa de campo. Um é o caso de uma professora inserida num aplicativo de paqueras (*Tinder*) e o outro é caso de um vídeo que foi postado no *Youtube*, que pouco a pouco acumulou um agregado significativo de pessoas que ali expressavam narrativas intrigantes.

De forma sucinta, desenvolvo um diálogo com a antropologia contemporânea de estudos culturais, a fim de pensar sobre o comportamento de algumas mulheres que estão utilizando as mídias digitais como um possível viés de resistência. Assim, o artigo discorre sobre o percurso destas pessoas na internet, que interagem e se expressam, a fim de conhecer por uma interpretação antropológica como o discurso do ódio e da intolerância ganha materialidade nesse novo contexto.

A ANTROPOLOGIA DO CONTEMPORÂNEO NA COMPREENSÃO DO HUMANO VIRTUAL

Sherry Ortner (2016) lembra que desde os anos 1980 a antropologia tem apresentado uma percepção menos ingênua sobre várias situações, ampliando o debate que

envolve questões de poder e desigualdade no mundo contemporâneo.

O fato é que o sujeito humano contemporâneo, em sua profunda experiência com a máquina e o digital, pode ser lembrado aqui como aquele sujeito que Donna Haraway chama de *ciborgue*. Ao se reconhecer uma ciborgue, Haraway comenta que este sujeito-máquina não é um sujeito diferente ou especial, ele pode ser qualquer um de nós, pois “as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia, que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam” (Haraway, Kunzru, Tadeu, 2009, p. 22).

A internet não é só um meio de comunicação, ela é um artefato cotidiano da vida das pessoas e um lugar de encontro (Adêrvol et. all., 2003). As mídias digitais podem se constituir como espaços marcados socialmente para encontros informais, com visitantes de diversas procedências. Christine Hine (2004) esclarece que os estudos sobre espaços online contribuíram amplamente para o estabelecimento da imagem da internet como cultura, ou seja, que a internet é um artefato cultural, um produto da cultura, justificando que o ciberespaço seja um lugar plausível sim para realização de trabalho de campo para o antropólogo.

A abordagem metodológica deste estudo faz interlocução com a antropologia da cibercultura, ou antropologia do ciberespaço de Jean Segata e Teófilos Rifiotis (2016), eles apontam caminhos para o “etnografar” nesses espaços das redes, no intuito de contribuir na reflexão sobre as pistas que as pessoas estão deixando nos espaços

digitais acerca de suas assimetrias, suas próprias formas de pensar o mundo. Quanto ao ciberespaço, ele está sendo pensado a partir da noção de rede de Strathern (2014), por se tratar de um ambiente constituído por elementos heterogêneos, todavia, eles estão unidos pelas interações sociais, num híbrido imaginado. Strathern alerta sobre o equívoco de se pensar em sociedade como a soma de interações entre indivíduos. É por isso que ela sugere esse rompimento, e, indica, por exemplo, o uso do conceito de “‘socialidade’ como matriz relacional que constitui a vida das pessoas e até mesmo ‘sociedades’ como pluralismo de uso prático, representativo de populações com organizações distintas.” (STRATHERN, 2014. p. 236).

E quanto ao antropólogo em si, vale lembrar que esse pesquisador vai recorrer ao caminho da etnografia digital para encontrar respostas sobre o mesmo sujeito humano, mas que agora é também um sujeito digital. Seu trabalho vai continuar sendo interpretativo e descritivo. Tim Ingold (2011) lembra que o antropólogo é uma espécie de artesão, ele não pode ser comparado a um montador de “quebra-cabeça”, pois sua investigação é interpretativa. Ingold propõe uma separação entre a antropologia e a etnografia a fim de valorizar a relevância de cada uma, sem diminuir, ou apenar a etnografia. Ele sugere que a antropologia seja percebida como “um modo curioso de habitar o mundo, de estar *com*, caracterizado pelo ‘olhar de soslaio’ da atitude comparativa [...], nesse sentido, a observação do antropólogo responde à sua experiência de habitar, [...], mediada por tais atividades descritivas”. (Ingold, 2011, p. 9).

Isso me faz pensar muito sobre a questão da internet. Às vezes, um ambiente que eu pesquiso no ciberespaço desaparece, principalmente em relação ao tema que pesquiso (pois aborda muitas situações de violência), porém, no ambiente físico, aquela cena que o antropólogo observa ao fazer sua pesquisa de campo, também não é eterna, ela é temporal, por isso é que o diário de campo se faz necessário nas duas situações. Ingold lembra sobre isso, embora ele não esteja falando sobre etnografia digital, mas sobre a etnografia de um modo geral, ele alerta que o antropólogo precisa conceber sua obra como temporal, pois “o mundo não permanece para ninguém, menos ainda para o artista ou antropólogo, como a representação do anterior, não podem fazer mais do que capturar o momento fugaz em um infundável processo”. (2011, p. 6).

CIBERESPAÇO, UM AMBIENTE DE CULTURA E PODER: O CASO DO TINDER

Em maio deste ano (2017), Fernanda Teixeira, uma professora de 27 anos fez uma postagem no *Tinder* (aplicativo de paquera) à procura de um namorado. Ela era mãe e achou intrigante que neste aplicativo, os homens costumavam postar fotos acompanhados de crianças, já as mulheres, não. Era dia das mães, por isso, ela resolveu fazer um experimento social, em que pudesse colocar em seu perfil informações que pudessem descrevê-la sem omitir suas identidades. Ela escreveu o seguinte comentário: “Fernanda, 27 anos, mãe, professora, militante, feminista, amor à

culinária, literatura e aos amigos, ódio ao capital e aos de coração raso”².

Nessa experiência contendo *83 matchs³ masculinos*, surgiram vastas narrativas machistas na conversa, ficando explícito o menosprezo daqueles sujeitos às “mães solo” (mães que criam filhos sozinhas ou praticamente sozinhas), ao feminismo e ao socialismo. Depois disso, ela fez o relato da experiência no *Facebook* e rapidamente o caso foi compartilhado por milhares de pessoas, e, novamente, em meio aos que deixavam suas narrativas de empatia e solidariedade sobre o assunto, apareceram outros densos e ácidos comentários de machismo.

Curiosamente, quando procurei aleatoriamente no *Google* por outras notícias sobre o caso da Fernanda Teixeira, encontrei artigos jornalísticos e entrevistas (principalmente em sites de revistas, jornais e blogs), que de certa forma se interessaram pela repercussão desta experiência e colocaram o tema em evidência como pauta de suas reportagens daquele momento.

O fato é que nas inúmeras buscas que foram feitas na pesquisa, identifiquei na parte de comentários desses sites (seria aquela parte reservada para interação dos leitores das revistas e jornais *online*), pessoas que novamente apareciam ali para produzir novas narrativas, como num círculo vicioso, cujos discursos lembraram-me do que Foucault (1979)

chamou de dispositivo da sexualidade. Por exemplo, no site da revista *Crescer* (2017), vi no comentário de um leitor a seguinte frase: “bem feito, quem mandou engravidar com qualquer um, sem planejamento, burra agora sofre solteira!” (frase transcrita literalmente do perfil de um leitor).

A experiência vivida por essa professora ilustra como alguns homens (e não são poucos) se expressam nas mídias digitais, em que as narrativas, imagens e vídeos são expostos para imprimir seus marcadores. Pude notar que esses homens procuram ser bastante ativos em suas aparições nas mídias digitais, todavia, esses espaços também são heterogêneos, assimétricos e desiguais. Isso colabora com a opressão e a subalternização (Spivak, 2010), do mesmo jeito que qualquer outro lugar que seja espaço de relações de gênero.

Miriam Grossi, uma estudiosa importante sobre masculinidades, explica que “uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo” (1995, p. 6). E ele precisa ser agressivo, bruto, de acordo com o modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, “atividade não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade.” (1995, p. 6)

Benedito Medrado e Jorge Lyra sinalizam que o principal ponto de partida sobre o tema é reconhecer que “não

² Numa entrevista dada por Fernanda Teixeira à Revista *Crescer*, o experimento aconteceu no dia 14 de maio de 2017. Sua entrevista está disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2017/05/experiencia-de-mae-solo-no-tinder-revolta-redes-sociais.html>>. Acesso em: 03 jul 2017.

³ *Match* é uma espécie de gíria. Ele acontece nos encontros do *Tinder* quando duas pessoas curtiram e aprovaram a foto uma da outra. A partir desse instante, o aplicativo permite abertura de um *chat* para as pessoas começarem a paquera.

existe uma única masculinidade e que tampouco é possível falar em formas binárias que supõem a ‘di-visão’ entre formas hegemônicas e subordinadas” (2008, p. 824). Esses autores ainda argumentam que a dominação dos homens sobre as mulheres e sobre o feminino é fruto de “uma constelação de autores, que inclui, além dos homens, a mídia, a educação, a religião, as mulheres e as próprias políticas públicas” (2008, p. 826).

Voltando ao exemplo que citei a pouco, a experiência do *Tinder* deixa a pista que a mulher ainda não consegue se expressar livremente e que ela vive ainda em desvantagem em relação aos homens. Vou sinalizar aqui, como ilustração, parte do diálogo que a professora teve com alguns candidatos à paquera:

*Lucas - 28 anos:

-...

“-então o seu filho está onde agora?”

- “Em casa, comigo. por que?”

- “Nossa”.

“Você é bem feminazi esquerdista mesmo. Coitada da criança com uma mãe p*ta dessas que fica procurando macho”.

*Markus - 25 anos

- “vc tem com quem deixar a criança? n sou chegado, mas achei vc gata”.

- “oi? tu n é chegado em que?”

- “Filho dos outros kkk”

- “Tu tem a foto com uma criança”!!!!

- “É meu afilhado”.

-“Pra chamar mulher”?

- “Siiim. da certo. Com vcstbm”?

“(combinação desfeita por mim, porque não tive mais estomago)”

*Ivan - 34 anos

- “Divorciada”?

- “Oi. Tudo bem contigo? Sim, sou separada. Por que”?

- “É que mulher com filho a gente pergunta né”

- “Por que”?

- “Se n casou é que n vale muito”

- “Como assim? tu vai vender a mulher? Quanto é que ta o @ da mulher no século XXI”?

- “Li teu perfil até o final agora vc é feminista; raça ruim eim o corno que deve ter te dado um pe na bunda pq tu n se depila”

(REVISTA CRESCER, 2017).

Pelas narrativas, os marcadores de diferença são rígidos. Em apenas três *Matches*, esta professora foi rotulada de “feminazi”, “esquerdista”, “separada”, “mulher de filho”, “raça ruim”, “mãe p*ta” (puta?) e por muitos outros marcadores que a distingue e aparta do convívio social com o “mundo masculino”.

Jeffrey Weeks (2001), um dos teóricos do construto histórico, observa que a nossa sexualidade diz algo sobre a verdade da nossa cultura. Assim, sexualidade para ele é uma obsessão classificatória que produz o que é saudável e desviante e que ela está genuinamente associada ao poder. Assim, padrões de sexualidade feminina, por exemplo, são descritos por Weeks como um produto do poder dos homens

para definir o que é necessário e desejável. Gênero para ele não é uma simples categoria analítica, mas uma relação de poder.

A situação gerada no *Tinder* reuniu sobreposições de impressões negativas sobre as mulheres. O repúdio dos homens não estava focado numa situação apenas. O fato é que geralmente esse acontecimento é ignorado, fica sem visibilidade. No caso de Fernanda, ela representava uma série de coisas intoleráveis para aqueles homens. Ela era mulher, mãe que criava o filho sozinha e que também não seguia o protocolo das outras mulheres que suprimiam o “detalhe” da maternidade, e, ainda, era feminista e militante. Ela reunia muitas diferenças em relação àquilo que se entendia por “ser mulher” entre o coletivo de homens que lhe dirigiram ofensas.

OUTRAS NOTAS DE OBSERVAÇÃO: ENTRANDO NA “CASA DOS HOMENS”

Como “pano de fundo” trago o exemplo de um vídeo do *Youtube* que acompanhei nesta pesquisa, seu título é “Ladrão é linchado em São Luiz do Ma. Parte 01” (transcrição literal). A trama se deu no estado do Maranhão, o vídeo possuía pouco mais de três minutos e seu conteúdo mostrava um homem (acusado de roubo) sendo espancado e quase assassinado por inúmeras pessoas num condomínio de apartamentos populares num bairro residencial do município de São Luís – MA.

Muitas pessoas que assistiram ao vídeo e registraram seus comentários, defenderam o linchamento. Na opinião de muitas delas, a punição dada ao agredido foi insuficiente e muitos lamentam que ele tenha sobrevivido. O discurso do ódio é postado sem receio de advertência e ainda é alimentado por outras pessoas. A multidão que se formou nas cenas parecia ter um único objetivo, o linchamento. A voz da vítima quase não aparecia no vídeo, ele nunca era também ouvido. Os sinais de espancamento e as manchas de sangue pareciam incendiar mais ainda a fúria da multidão agressora.

Imagem 01 - Imagem do vídeo do *Youtube* que foi utilizado na pesquisa de campo



Fonte: Ladrão e linchado em São Luiz do Ma. Parte 01. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=0Ev0CXXjBFY>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Para aquela multidão, o homem espancado nunca fora vítima, ele era taxado como ladrão, apontando que aquele sujeito merecia ser punido com a morte instantânea. Judith Butler (2015), em sua discussão sobre vidas passíveis de luto, analisa que ser portador de uma vida passível de lamento e ser reconhecido como cidadão, ou uma pessoa, não é para todos. Isso pode ser correlacionado ao caso desse homem que quase foi assassinado. Não poderíamos fazer aqui uma analogia entre as minorias sociais analisadas pela autora (gays, imigrantes, prisioneiros de guerra e outros) e as vítimas brasileiras de linchamento? Ao que me parece, todas elas parecem ter sofrido aquilo que Butler chama de “enquadramentos”. Butler também enfatiza que em nossa sociedade algumas pessoas expostas à violência recebem comoção de seu grupo social e já outras não.

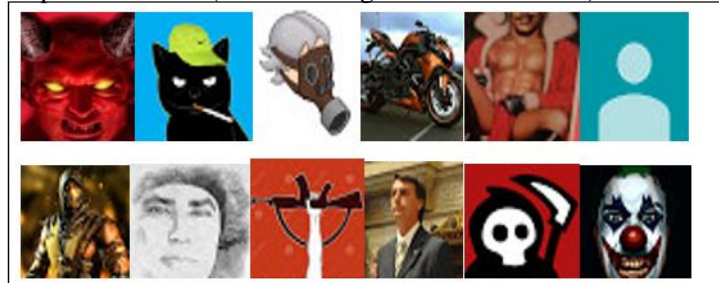
Nas cenas do vídeo há uma tentativa de interrupção do linchamento por parte de uma mulher, provavelmente moradora do condomínio, que através de inúmeros apelos tenta em vão encerrar a violência, mas por diversas vezes essa mulher é ignorada e relegada ao silenciamento. Saindo das cenas do vídeo e observando os comentários registrados no *Youtube*, aquela mulher é novamente repreendida, censurada e xingada por ousar tentar defender a vítima do linchamento. Novamente, outro exemplo de sujeição da mulher ao silêncio (SPIVAK, 2010; Ardener apud Henrietta

jjjjjMoore; 1991), pois a ela não é dada a chance de expor sua visão de mundo.

Situados na lista de comentários desse vídeo, os *avatares*⁴ desse público são intrigantes. Eles se apresentam com imagens e nomes emblemáticos e polêmicos como “Adolf Hitler”, “President Trump1”, “PresidentTrump 2”, “Só malandões”, “#Bolsonaro 2018” e outros. A maioria dos perfis usa a identificação de seu gênero masculino, quase sempre sugerindo sentimentos de ódio, intolerância, masculinidade, poder e guerra.

O quadro a seguir reúne alguns ícones que foram extraídos dos perfis desses expectadores:

Quadro 01 - *Avatares* pertencentes aos seguidores do canal *Youtube* que exhibe vídeo de tentativa de linchamento de um suspeito de roubo (Perfis dos seguidores deste canal)



Fonte: Ladrão e linchado em São Luiz do Ma. Parte 01. Disponível em: < www.youtube.com/watch?v=0Ev0CXKjBfY> Acesso em: 20 dez. 2016

⁴A palavra *Avatar* é utilizada no ciberespaço para nomear qualquer imagem colocada por alguém em seu perfil (fotografia, personagem, animal, letra do alfabeto) nas redes sociais. A imagem é escolhida pela pessoa, podendo expressar ou suprimir traços físicos ou psicológicos de quem o criou.

Nesses *avatares*, há uma variedade de imagens com muitas exibições masculinas: algumas (muito poucas) exibem em forma de ícones apenas as letras do alfabeto (provavelmente indicam as iniciais dos nomes), outras exibem somente as faces desses homens (geralmente quando seus rostos são colocados no perfil, eles estão usando óculos escuros e as expressões faciais costumam ser enfáticas, sisudas ou sorridentes), há também seguidores (em sua grande maioria) que usam fotos de motocicletas, símbolos de times de futebol, figuras de gladiadores, caricaturas de animais, seres demoníacos, outros usam ícones sem imagem alguma, além de imagens que expõem homens fardados com trajes militares, com indumentárias masculinas efusivas, ainda, existem outros que exibem seus corpos sem nenhum traje, talvez, a fim de mostrar o abdômen, a virilidade, a musculatura, etc.

Observei que tanto os nomes/apelidos como as imagens, ao comporem a maioria dos perfis desses seguidores, parecem que estão ali não apenas para visualizarem as cenas e deixarem suas narrativas, mas para darem materialidade ao momento de expressar suas opiniões, sentimentos e visões de mundo. Essa parcela masculina e heterogênea se apresenta como uma multidão real, carregada de expressões, símbolos, proposições políticas, ideologias e repertórios culturais.

Nesse ambiente de constantes diálogos entre tantos homens, alguns mais ácidos que outros, tive a sensação de que ele era muito real (Miller e Horst, 2015). Estariam ali muitas formas de masculinidades, em que algumas se

impunham mais, porque pareciam falar com mais propriedade e assim, tentavam influenciar as opiniões dos outros participantes.

Nesse caso, sem a intenção de generalizar todas as narrativas da pesquisa como um tipo só de masculinidade, trago exemplos de alguns comentários masculinos que se divergiam uns dos outros, ao ponto de dar a impressão que eles se tratavam de homens com diferentes masculinidades: enquanto um comentava que aquele suspeito do vídeo deveria ter sido linchado até a morte e dizia “morre filho da puta”, havia outro que comentava que bastava bater nele e “não precisa matar o cara”, já outro sinalizava seu preconceito com a camisa do futebol argentino que a vítima estava usando, ao dizer “um brasileiro com a camisa argentina hahaha”, e, ainda, outra narrativa nessa conversa que era mais radical que os outros e não satisfeito com o linchamento, pedia ajuda aos seus parceiros de recomendação de outros vídeos que pudessem resultar na morte da vítima.

O antropólogo Daniel Welzer-Lang (apud Grossi, 1995, p. 8) também usa o termo ‘casa dos homens’ para explicar que são “inúmeros lugares onde ‘se aprende a masculinidade. O espaço dos homens no *Youtube* parece funcionar com objetivos muito semelhantes aos de um bar. Aqueles seguidores demonstravam estar à vontade para falar sobre o que pensavam a respeito do assunto, dando vazão a uma identidade que talvez no mundo físico eles não conseguiriam revelar com tanta propriedade e naturalidade, por isso é que o contexto digital não é ignorado pela

antropologia. Muitos frequentadores daquele espaço cultuavam o discurso de ódio como um traço forte de masculinidade. Eram falas de intolerância, xingatórios, desejo de morte e justificativas de maldade. O diálogo a seguir ilustra alguns exemplos dessas narrativas:

“Agora o vagabundo chora, #Bolsonaro2018” [...] “essa porra de ladrão tem que morrer eu nem aliviava a barra dele já matava logo kkk” [...] “é pra matar desgraça” [...] “Por quê bateram pouco?” [...] “esse filho da puta tem que morrer mesmo” [...] “Tem que matar uma merda dessa” [...] “Todo vídeo tem uma hiena gritando freneticamente!!!! Bandido bom é bandido morto e enterrado de pé para não ocupar espaço.” [...] “Achei bom bpois bandido bom e bandido morto, achei pouco” [...] “ele tinha q voltar e estrupar esses indivíduos q estavam protegendo” [...] (Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=0Ev0CXKjBfY> Acesso em: 20 dez. 2016).

Esses diálogos soam como se fossem todos membros de uma confraria. Tanto é que eles recomendam outros vídeos de violência direcionando seus interlocutores a outros espaços virtuais e endossam a violência indicando que são depositários de um mesmo sentimento, firmando um laço de solidariedade entre os que “odeiam as mesmas coisas”, estabelecendo um sentimento de pertencimento, como numa

comunidade, tanto é que se observou nas narrativas que os seguidores se referem aos outros como “mans” (manos), “parça” (parceiro), etc.

Nesses diálogos ininterruptos também estão aqueles que visualizam as cenas e que ali se opõem tanto às práticas enquadradas nas imagens de violência como aos diálogos já estabelecidos, talvez na tentativa de produzir uma reflexão sobre justiça e tolerância. O diálogo a seguir ilustra isso:

“bandido de fdp fica defendendo o merda” [...] “Ai a vadia defendendo o chupachupa dela” [...] “Si não precisa matar o cara leva pra sua casa” [...] “incrível como tem uns troxas q defender esse tipo d raça” [...] “ta com pena dele leva pra tua casa e da comida e depois da a xota pra ele fuder sem do” [...] “sempre tem uma desgraça de uma mulher pra atrapalhar” [...] “essas putas que aparecem para defender, é pq já chuparam muita rola de bandido” (Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=0Ev0CXKjBfY> Acesso em: 20 dez. 2016).

Como se vê no diálogo transcrito anteriormente, por ser um ambiente público, também observei narrativas de

algumas mulheres. Mas a participação delas depende muito de como elas se “comportam” ali. Aquelas que concordam com as ideias expostas pelos homens ficam num campo neutro, talvez na indiferença, suas falas não são muito interagidas, como se estivessem apagadas (Spivak, 2010). Mas aquelas mulheres que tentam discutir sobre a trama, talvez na tentativa de produzir alguma reflexão sobre justiça e tolerância, são sumariamente xingadas e agredidas textualmente. Há uma pesada conotação sexual e machista envolvida nos discursos. Ali, talvez, elas não tenham se dado conta de que seriam meras forasteiras e que teriam entrando na “casa dos homens”.

A atmosfera do reconhecimento do poder masculino é nítida, e da heterossexualidade também. Entre as narrativas já citadas, quando transcrevo a frase “essas putas que aparecem para defender, é pq já chuparam muita rola de bandido” (sic) foi retirada de um perfil que indica pertencer a uma mulher. Esse perfil é apelidado de “lica romã” e utiliza em seu *avatar* a fotografia de uma mulher jovem e loira, em que ela aparece se fotografando na frente de um espelho com um telefone celular na mão (numa *selfie*). Mas por que essa mulher jovem xinga as outras mulheres que repudiam o linchamento, chamando-as de “putas”? Que identidade e diferença ela pretende delimitar aqui entre ela e suas “iguais”, já que este canal parece ser tão marcado por um ambiente machista e violento? Será que tenha agido assim pelo fato de que nesse momento de tensão a sua oposição aos “defensores dos bandidos” tenha falado mais alto que sua concepção de gênero e que o discurso do ódio a tenha feito passar por uma

“crise de identidade”? É possível que ela tenha usado essa narrativa a partir da premissa de um mundo pensado e perspectivado sob a égide da heterossexualidade compulsória (Foucault, 1999).

Na explicação de Stuart Hall (2006), novas posições de identidade podem ser assumidas de forma alternativa, levadas por alguma situação de resistência ou reafirmação de algo. Ou talvez, porque sua sexualidade esteja hierarquicamente naturalizada, ao ponto de não conseguir discordar dos homens, como explica Judith Butler (2003, p. 195), “[...] a verdade interna do gênero é uma fabricação.” Enfim, a cada nova visita de campo, a pesquisa foi me trazendo novas descobertas e novas surpresas.

NOVOS RASTROS DE SUPERAÇÃO: O “PULO DA GATA” NO CIBERESPAÇO

O ciberespaço é um lugar que hospeda muitas diferenças. Internamente, em espaços específicos, as pessoas vão se agregando, seus acessos são observados por outras, podendo ser acolhidas, ignoradas ou repelidas, como num lugar físico. Dentro desse ambiente de coexistências, surgem pessoas com afinidades parecidas para reivindicar seus lugares de fala. Nesse sentido, a internet representa um campo investigativo composto por ambientes bastante mistos ou híbridos. (CANCLINI, 1997).

A infinidade de diálogos estabelecidos no ciberespaço dá o sinal de que ali não paira apenas um ambiente masculino e homogêneo. Como explica Kwame

Anthony Appiah (2007), embora muitas pessoas ainda se queixem da homogeneidade produzida pela globalização, contrariamente, muitas vezes elas não percebem que a globalização é, igualmente, uma ameaça à homogeneidade. Por esta ótica, o ciberespaço é reconhecido pela antropologia contemporânea como um lugar que também abarca diversas visões de mundo, dentre elas, tramas de subversão contra a ordem masculina e a heterossexualidade compulsória (Rich, 2010).

Quero iniciar esta sessão citando três exemplos de subversão à opressão de gênero no ciberespaço. Um deles é o caso de Danila Areal, uma mulher de 29 anos, moradora de Volta Redonda (RJ), mãe de duas crianças, que depois de fazer a denúncia numa delegacia especializada sobre a última agressão que sofrera do marido (inclusive ameaça de morte), tendo percebido que o agressor ainda estava livre, resolveu publicar no *Facebook* (maio/2017), um vídeo em que ela mesma relatava que havia sido agredida. Nas cenas do vídeo, seu depoimento trazia descrições sobre como ela foi agredida e que essa situação além de ser frequente, já durava oito anos. No vídeo, a mulher lamenta que tenha sido forçada a deixar sua casa eido se refugiar na casa de uma amiga e que também precisou deixar o seu trabalho por causa das agressões e ela pede socorro. O seu corpo (inclusive o rosto) mostrava marcas da agressão recente.

Outro exemplo é o caso já citado da professora Fernanda Teixeira. Devo lembrar que foi ela que compartilhou pela primeira vez nas mídias digitais a

experiência que vivenciou com o objetivo de colocar o tema em discussão.

Como parâmetro, vou citar outro caso que ocorreu fora do Brasil. Em janeiro de 2016, uma ativista norte-americana divulgou um vídeo no *Instagram* contendo seu próprio depoimento de ter sido vítima de estupro. A jovem se chama Amber Amour, ela estava na Cidade do Cabo, na África do Sul para participar de uma campanha contra o estupro, quando ela mesma fora estuprada por um conhecido seu. Na rede social, ela relata o estupro que tinha acabado de ser vítima e como protagonista da própria experiência que sofreu, ela alerta outras mulheres para não ficarem em silêncio.

Isso não significa, de jeito nenhum, que as mulheres estejam resistindo à opressão masculina somente agora e exclusivamente na internet. Gayle Rubin (1986) sinaliza que as mulheres são oprimidas em sociedade remotas ao próprio capitalismo e que esse sistema apenas retomou o reorganizou ideias de homem e mulher que já existiam outrora. Há muito tempo as mulheres se articulam, principalmente a partir dos movimentos feministas, mas o fato é que o ciberespaço se tornou outro palco de poder, em consequência disso, um novo ambiente de opressão foi apontado, mas, por outro lado, também de resistência.

Essas mulheres recorreram às mídias digitais como um meio de relato e denúncia, sem pedir voz a terceiros a fim de agenciá-las, e, assim, tornaram-se autoras da descrição de suas experiências, evidenciando um possível viés de resistência e enfrentamento da situação. Por isso, utilizo uma

expressão popular antiga, o “pulo do gato”⁵ no gênero feminino, para me referir às táticas que as mulheres do contemporâneo estão utilizando para ousar, ou pelo menos tentar ousar desobedecer à dominância masculina.

Walter Mignolo (2008), um estudioso argentino que discute o pensamento descolonial na América Latina, lembra que a modernidade acaba por ocultar os efeitos da matriz colonial de poder. Ele lembra que “uma das realizações da razão imperial foi a de afirmar-se como uma identidade superior ao construir construtos inferiores (raciais, nacionais, religiosos, sexuais, de gênero) e de expeli-los para fora da esfera normativa do ‘real’.[...]”(Mignolo, 2008, p. 291). Assim, ele reconhece o “fazer descolonial” em diversas esferas, inclusive na questão de gênero.

Não pretendo afirmar que tais mulheres sejam exemplos puros de descolonização, todavia, não posso ignorar que elas estejam desejosas de expressar seus ‘recados’ no ciberespaço e que isso signifique em alguma forma de ousar na escrita (Anzaldúa, 2000) e de tentar fugir do domínio colonial imposto a nós mulheres. Elas se expuseram espontaneamente, talvez porque elas tenham desejado recorrer a um caminho de resistência à matriz colonial de poder (Mignolo, 2008). A exposição pública e espontânea da violência masculina nas mídias digitais não é nada fácil. A exposição de uma situação de violência nunca é prazerosa, até mesmo porque a tendência cultural que fala

mais alto é a vontade de esconder aquilo de todo mundo. Penso que a exposição delas haveria de ter um propósito, a exposição espontânea delas deveria ter um objetivo, sendo que eu mesma, não posso ousar tentar traduzir, mas compreender.

Citei esses três casos (Danila Areal, Fernanda Teixeira e Amber Amour) a fim de sugerir que essas mulheres desejam o reconhecimento de suas falas, como se elas estivessem pelo menos tentando romper a barreirado silenciamento. Elas não usaram porta-vozes para expressar como se sentiam naquele momento, elas mesmas enfrentaram dizer com suas próprias emoções e razões aquilo que sentiam. Posso dizer que senti certo alívio ao cruzar com essas mulheres no ciberespaço, isso me ajudou na consolidação da ideia de que a internet não é mesmo homogeneizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender que a “casa dos homens” parece ter se estendido para mais um novo lugar, ele é moderno e virtual e garante as mesmas emoções outrora espetacularizadas e problematizadas nos tradicionais bares e tavernas pelas hegemonias masculinas. Por outro lado, o ciberespaço também permitiu às mulheres a possibilidade de buscar outros caminhos para darem os seus “recados” e resistindo à dominância masculina, através do “pulo da gata”.

⁵Tenho um amigo historiador (Paulo B. Prado) que utiliza muito essa expressão. Sua origem tem a ver com uma história contada pelos mais antigos que fala sobre a onça e o gato. Se achando muito esperta e desejando devorar o bichano, a onça pede ao gato para lhe ensinar os seus truques e saltos. Mas o gato foi mais esperto que a onça, no momento em que ela se preparava para devorar o gato, ele dá um salto para trás, escapole da onça e pergunta para ela: “Acha mesmo que eu vou te revelar o pulo da/gata/o”?

Isso coloca em xeque a impessoalidade do *Youtube*, ele é um espaço que as pessoas usam para expressarem suas emoções, ideias, valores, medos, sentimentos, enfim, para serem tão humanas como em outros ambientes, como numa praça, num bar, na rua, etc.

Por outro lado, o *Youtube* possui situações inusitadas, vamos imaginar que, se levarmos em conta os incontáveis vídeos em canais que contextualizam os mesmos enredos, estamos diante de simultâneas violências e opressões de gênero, em que uma mesma pessoa, por exemplo, pode ser vítima, denunciante ou autora de várias sessões de violência ao mesmo tempo e compartilhar isso de maneira muito mais requintada e vertiginosa.

Enfim, a pesquisa propiciou perceber que o virtual não merece ser chamado de “terra de ninguém”, como costumeiramente já ouvimos algumas pessoas falarem. O virtual é frequentado por pessoas reais, portadoras de identidades que elas nem sempre desejam camuflar, mas reafirmar e, assim, também diferenciar. Prova disso nesta pesquisa são os *avatars*, os apelidos dados aos perfis dos seguidores e também suas narrativas, tão carregadas de sentimentos e valores culturais. A aparição de cada seguidor com sua fala ocupou uma importante posição nesse cenário. É claro que há muito a ser desmiuçado, até mesmo porque novos seguidores e comentários surgem e desaparecem a cada instante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2000.

APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitan contamination*. In: HELD, David; MOORE, Henrietta L. *Cultural politics in a Global age: uncertainty, solidarity and innovation*. Oxford: Oneworldpublications, 2007.

APUD PELÁEZ, Ismael Eduardo. *Repensar el método etnográfico: hacia una etnografía a multitécnica, reflexiva y abierta al diálogo interdisciplinario*. Disponível em: <<https://antipoda.uniandes.edu.co/datos/pdf/>>. Acesso em: 18.10.2016.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de tudo?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith e RUBIN, Gayle. *Tráfico sexual – entrevista (Gayle Rubin com Judith Butler)*. In: Cadernos Pagu (21). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2003.

CANCLINI. Néstor Garcia. *Culturas híbridas: Ls para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CORRÊA, Marisa. *O sexo da dominação*. In: Novos Estudos. CEBRAP N.º 54, julho 1999. p. 43-53. Disponível em: <<https://www.sertao.ufg.br/n/35726-grupo-de-estudos/>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

FOUCAULT, Michel. *Não ao Sexo Rei e Sobre a História da Sexualidade*. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GROSSI, Miriam. *Masculinidade: uma revisão teórica*. In: Antropologia em primeira mão, n. 1. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Porto Alegre: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *A antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

HINE, CHRISTINE Editorial. *Etnografía virtual*. UOC Colección: *NuevasTecnologías y Sociedad*. Idioma: Español. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Colección *NuevasTecnologías y Sociedad*. PDF. Disponível em: <<https://seminariosocioantropologia.files.wordpress.com/2014/03/hin-e-christine-etnografia-virtual-uoc.pdf>>. Acesso em 20 jul. 2017.

INGOLD, Tim. *Epilogue: Anthropology is not Ethnography*. Tradução: Carlos Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles. In: _____. *Being Alive*. Routledge: London and New York, 2011. pp. 229-243. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_ao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold\(1\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_ao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold(1).pdf)>. Acesso em 02 jul. 2017.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. *Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades*. In: Estudos Feministas, 16(3). Florianópolis: UFSC, 2008.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Tradução: Angela Lopes Norte. In: Dossiê: Literatura, língua e identidade. n. 34, 2008.

MILLER, Daniel. A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna. Entrevista com Mônica Machado. *Revista do Programa Avançado de cultura contemporânea*. 2015. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/daniel-miller-a-antropologia-digital-e-o-melhor-caminho-para-entender-a-sociedade-moderna/>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The internet: an ethnographic approach*. Oxford: Berg, 2000. 217 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100014>. Acesso em: 31 jul 2017.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. *O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital*, 2015. Trad. Danilo Pedrini. Disponível em: <www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334>. Acesso em: 02.09.2016.

MOORE, Henrietta. *Antropología y feminismo: historia de una relación*. In: *Antropología y Feminismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1991.

MOORE, Henrietta L. The problem of culture. In: HELD, David; MOORE, Henrietta L. *Cultural politics in a Global age: uncertainty, solidarity and innovation*. Oxford: Oneworld publications, 2007, p. 21-28.

ORTNER, Sherry. *Dark Anthropology and the other: theory since the eighties*. In: Hau, Journal of Ethnographic Theory, 6(1), 2016.

ORTNER, Sherry. *Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?*. In: Rosaldo, M. E Lamphere, Louise. *A Mulher, A Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PELÚCIO, Larissa. *Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas*. In: Dossiê percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. Cad. Pagu no.44 Campinas Jan./June 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332015000100031&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 21 jul. 2017.

Revista *Crescer*. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2017/05/experiencia-de-mae-solo-no-tinder-revolta-redes-sociais.html>>. Acesso em 12 jul 2017.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica*. In: Revista Bagoas, n. 10. Natal: UFRN, 2010.

RUBIN, Gayle. *El Tráfico de Mujeres: notas sobre la "economía política" del sexo*". In: Revista Nueva Antropología (30, VIII). México: 1986.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. "Introdução"; "Capítulos 2, 5, 6, 7". In: *Senhores de Si – uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (orgs). *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasil: Joinville : Editora Letradágua, 2016.

SPIVAK, Gaiatry. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dullei, Jámille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In: Louro G. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.